

CIÊNCIA, LITERATURA E LIBERDADE



Artigo de M. J. Martins de Freitas, advogado e mestre em Cultura Portuguesa, publicado na última revista "As Artes entre as Letras" (na imagem, Antero de Quental):

Na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), o Doutor Carlos Fiolhais, catedrático e físico de renome, proferiu a a 16 de Maio uma conferência intitulada *Ciência e Literatura* justificando a inversão do título (estava anunciado Literatura e Ciência) pela ordem alfabética das palavras. Conheço o Carlos desde o meu tempo de estudante de Coimbra e chegámos a estar alojados nas mesmas instalações. Já então era considerado um jovem talento. Para se conhecer os degraus que subiu na Universidade e na ciência portuguesa e internacional bastará "googlar" o seu nome para verificar, em textos, vídeos e demais informes, a sua actividade académica, científica, e de divulgador da ciência, enchendo de natural orgulho o nosso país. A Régua deve regozijar-se deste homem, que é filho dum graduado da GNR, natural da freguesia de Sedielos.

Ora, Carlos Fiolhais, que tinha sido Professor na UTAD nos anos 80 do século passado, abriu a sua palestra deste modo: "*quando tocamos a Literatura ela toca-nos!*" Abordou a seguir o livro *As Duas Culturas*, do inglês Charles Percy Snow, que se reporta à

problemática relação entre a Ciência (ciências exactas e naturais, entenda-se) e da Literatura (em geral, letras, artes e humanidades). Essa obra visou combater a separação entre essas duas áreas de cultura. No final da década de 50 do século XX, para C. P. Snow as duas culturas – a Ciência e a Literatura – eram duas faces da mesma Humanidade. Para Snow, não fazia sentido que os literatos e humanistas desconhecem os conceitos básicos da ciência e que os cientistas não dessem atenção às dimensões estéticas, éticas e humanas da ciência. Por isso, as duas culturas deveriam dialogar, procurando eliminar os preconceitos e as visões deformadas que uma cultura tem da outra. O físico reconheceu que a polémica apresentada nesse livro ainda não está resolvida.

Recuando no tempo, Carlos Fiolhais, aludiu à Revolução Científica introduzida pelo italiano Galileu Galilei e pelo inglês Isaac Newton. Expressou a ideia de que *“a ciência precisa de instrumentos”*, que exprimiu através da imagem que os *“instrumentos são o posto avançado dos olhos”* e que *“os olhos são o posto avançado da mente”*. Prosseguiu afirmando que a Ciência precisa, além disso, da Literatura para exprimir o que se consegue ver, tendo exemplificado a afirmação com a obra *“O Mensageiro dos Céus”* da autoria de Galileu, cujo título, em si mesmo, já era literário, conforme frisou. Para o escritor italiano Italo Calvino, a prosa de Galileu eleva-se quando fala da Lua.

É impossível, neste apontamento, mencionar todas as ideias sobre a ligação da Ciência com a Literatura ilustradas com exemplos pelo conferencista. Direi, no entanto, que ele adornou a palestra. do lado da Literatura, com textos dos dois poetas maiores da literatura portuguesa: Luís de Camões e Fernando Pessoa. Lembrou que Camões foi um homem muito atento ao mundo da sua época, demonstrando esta afirmação lendo uns versos do Canto X d’ *Os Lusíadas* onde o autor enumerou as principais constelações do Hemisfério Norte (destacou também que os primeiros versos publicados de Camões saíram nos *Colóquios dos Simples* de Garcia da Orta, publicados em Goa). Por outro lado, lembrou que Fernando Pessoa, no seu heterónimo Álvaro de Campos, foi quem afirmou que *“o binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo”*.

Comprovou a interpenetração de obras de alguns cientistas que foram exímios escritores e de alguns escritores que se interessaram pela ciência. Foram os casos, do lado da ciência portuguesa, de José Anastácio da Cunha, que além de matemático foi poeta, Ricardo Jorge e Egas Moniz, que além de médicos foram biógrafos de escritores (respectivamente Francisco Rodrigues Lobo e Júlio Dinis), e, do lado da literatura nacional contemporânea, Rómulo de Carvalho / António Gedeão (um caso muito feliz de intimidade entre Ciência e Literatura), Vitorino Nemésio, Adília Lopes e E. M. Melo e Castro.

Concluiu dizendo que, para Albert Einstein, o pai da teoria da relatividade, o espaço, o tempo, a matéria e a energia estavam ligados. Trata-se de uma visão científica, mas que não tem deixado de proporcionar metáforas literárias. Contou como um jornal português intitulou “*A luz pesa*” a notícia, em 1917, da confirmação da teoria da relatividade geral com a observação de um eclipse na ilha do Príncipe.

Carlos Fiolhais disse, no debate final, que no século XVI a Humanidade conheceu uma enorme mudança. Recordou o matemático Pedro Nunes e o papel de Portugal como pioneiro na descoberta de novos mundos, ou seja, da primeira globalização. Os seus esclarecimentos centraram-se, depois, em redor da arte e humanidade dessa época, da recuperação dos ideais do conhecimento, da criatividade e da liberdade já presentes na Antiguidade. No âmbito da arte, afirmou que o nascimento da perspectiva no Renascimento constituiu uma verdadeira revolução na pintura, parte de uma revolução das Artes que se antecipou um pouco à Revolução Científica. Aludiu à educação grega que visava a formação integral do homem e lembrou que a recuperação do ideal grego ocorreu nessa época.

Para Carlos Fiolhais, o cientista é, como o artista, alguém que imagina o mundo. A imaginação é a mola da ciência (para Einstein, a imaginação “*era mais importante que o conhecimento*”). Porém, a criatividade na ciência tem de se cingir à “*imaginação*” do mundo (segundo o físico Feynman, a imaginação tem de estar dentro de uma “*camisa de forças*”), ao passo que na arte a imaginação pode ser mais livre. Defendeu que o homem se enriquece com o conhecimento científico, mas que este só se consegue seguindo um certo número de procedimentos – o método científico, baseado em geral na experiência física, conseguida graças à instrumentação, e na experiência mental,

conseguido graças à imaginação. Acrescentou que na ciência há progresso e que na arte também o há, embora de tipo diferente, desempenhando nos dois casos a avaliação pelos colegas do mesmo ofício (respectivamente cientistas e artistas) um papel no estabelecimento das obras maiores. A diferença é que na ciência a Natureza é sempre quem mais ordena.

A finalizar esclareceu – aproveitando uma questão sobre a liberdade – que a liberdade (física e mental) é tão essencial para a ciência como para a literatura. Terminou, ilustrando a relação entre ciência e literatura com a leitura deste soneto de Antero de Quental, que expressa de um modo único não só uma visão científica do homem como o desejo humano de liberdade:

*“Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incógnita floresta...
Onde, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquíssimo inimigo...*

*Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que ensombra urze e giesta;
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paúl, glauco pascigo...*

*Hoje sou homem – e na sombra enorme
Vejo, a meus pés, a escada multiforme,
Que desce, em espirais, na imensidade...*

*Interrogo o infinito e às vezes choro...
Mas, estendendo as mãos no vácuo, adoro
E aspiro unicamente à liberdade.”*

M. J. Martins de Freitas

<http://dererummundi.blogspot.pt/2012/06/ciencia-literatura-e-liberdade.html>